



**REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE FEMININAS  
NA LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE A SÉRIE DOCTOR WHO: REVISÃO  
INTEGRATIVA**

**REPRESENTACIÓN Y REPRESENTATIVIDAD FEMENINAS EN LA  
LITERATURA CIENTÍFICA SOBRE LA SERIE DOCTOR WHO: REVISIÓN  
INTEGRADORA**

**FEMALE REPRESENTATION AND REPRESENTATIVENESS IN THE  
SCIENTIFIC LITERATURE ON THE DOCTOR WHO SERIES: AN  
INTEGRATIVE REVIEW**

Laíne Lopes da Silva<sup>1</sup>

Claudiene Santos<sup>2</sup>

**RESUMO**

Por meio da revisão integrativa, o estudo investiga as representações e representatividades femininas na série *Doctor Who*, a partir dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas, buscando apresentar trabalhos nacionais e internacionais no período de 2000 a 2020, em 9 base de dados. Através de descritores localizados nos títulos e corpo dos textos, identificamos 715 publicações, na maioria vinculadas a estudos de saúde. Baseando-nos em critérios de inclusão e exclusão, 90 foram selecionadas para leitura de resumos, sendo a maioria duplicadas e, destas, 16 trabalhos foram selecionados para análise. As publicações foram analisadas problematizando os principais avanços e retrocessos da representação/representatividade feminina no seriado, apontando inovação e reiterações generificadas na atuação das mulheres. A série tem potencial pedagógico, possui múltiplas histórias e personagens que indicam modos de ser e viver na sociedade. Porém, faltam discussões aprofundadas sobre representatividade das mulheres na série, na literatura científica.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema/PPGCINE/UFS. Pesquisa financiada pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema/PPGCINE/UFS. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Doctor Who*. Pedagogias culturais. Estudos de gênero. Representação feminina.

### RESUMEN

A través de una revisión integradora, el estudio indaga en las representaciones y representaciones de mujeres en la serie Doctor Who, con base en Estudios Culturales y Estudios de Género post-estructuralistas, buscando presentar trabajos nacionales e internacionales desde 2000 hasta 2020, sobre una base de 9 Datos. A través de descriptores ubicados en los títulos y cuerpo de los textos, identificamos 715 publicaciones, en su mayoría vinculadas a estudios de salud. Con base en los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 90 para la lectura de resúmenes, la mayoría de ellos duplicados y, de estos, se seleccionaron 16 trabajos para su análisis. Las publicaciones fueron analizadas cuestionando los principales avances y retrocesos de la representación / representación femenina en la serie, apuntando a la innovación y reiteraciones de género en el desempeño de las mujeres. La serie tiene potencial educativo, cuenta con múltiples historias y personajes que indican formas de ser y vivir en sociedad. Sin embargo, hay una falta de discusiones en profundidad sobre la representación de las mujeres en la serie, en la literatura científica.

**PALABRAS-CLAVE:** *Doctor Who*. Pedagogías culturales. Cuestiones de género. Representación femenina.

### ABSTRACT

Through an integrative review, the study investigates the representations and female representativeness in the series Doctor Who, based on post-structuralist Cultural Studies and Gender Studies, seeking to present national and international works in the period from 2000 to 2020, in 9 databases. Through descriptors located in the titles and body of the texts, we identified 715 publications, mostly linked to health studies. Based on inclusion and exclusion criteria, 90 were selected for reading abstract, most of them being duplicates and, of these, 16 papers were selected for analysis. The publications were analyzed problematizing the main advances and setbacks of the representation/representativeness of women in the series, pointing out innovation and reiterations gendered in the performance of women. The series has pedagogical potential, has multiple stories and characters that indicate ways of being and living in society. However, there is a lack of in-depth discussions about women's representation in the series and scientific literature.

**KEYWORDS:** *Doctor Who*. Culturalis pedagogies. Gender issues. Female representation.

### Introdução

Os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, áreas de conhecimentos pós-estruturalistas, têm se revelado potentes para compreender as possibilidades educativas dos diversos artefatos culturais, como o audiovisual, por exemplo. As pedagogias culturais decorrentes de produções audiovisuais podem estimular o pensamento crítico do público sobre as relações entre cultura e sociedade. A produção audiovisual tem

apresentado novas maneiras de contar histórias, seja através de plataformas de *streaming*, televisão, *videocasts/podcasts*, cinema etc, que ensinam e auxiliam em novas percepções de mundo por intermédio da arte.

Nesse cenário, na série *Doctor Who*/BBC<sup>3</sup> é possível identificar pedagogias culturais que ensinam sobre relações de gênero, modos de ser homem e mulher na sociedade e na ciência, saberes que foram acentuados com a presença de sua primeira protagonista mulher. É interessante analisá-la, pois sua narrativa seriada é complexa e marcante, além de ser a série de ficção científica mais antiga da história<sup>4</sup>, que acompanhou inúmeras mudanças sociais e tecnológicas ao longo dos seus 58 anos, modificando suas representações e discursos de gênero (*gender*).

Para Jost (2010), as narrativas seriadas televisivas seguem o modelo estratégico do cinema, utilizando os mesmos códigos, mas se diferenciam por sua duração e experiências que entregam ao público e os formatos em que são concebidas. *Doctor Who*/BBC apresenta formato híbrido<sup>5</sup> das narrativas seriadas, utilizando a própria narrativa de episódios anteriores para se autorreferenciar, construindo e solidificando a mitologia da série.

A complexidade narrativa é composta por múltiplas histórias, que refletem a diegese da produção audiovisual e permitem apresentar as diferentes histórias dos personagens, que estão interligadas ao/a personagem central da trama (TODOROV, 2013). Tal complexidade se destaca pela inovação no estilo da narração e, para Mittel (2012) é uma fórmula bastante relevante, formada por um conjunto de fatores: desenvolvimento criativo, industrial, participativo e tecnológico. Silva (2014) compreende que as ficções seriadas se diferem das demais produções fílmicas produzidas para o cinema por ter como marca central o roteiro, encabeçado pelo *showrunner*<sup>6</sup> e não a direção da produção, como é frequente no cinema e novelas.

Embora as mulheres façam parte das produções audiovisuais desde sua origem, sua participação nas diversas partes do processo de construção das narrativas, ora à

<sup>3</sup> Acrescentamos ao nome da série a sigla da emissora, apenas na introdução, para marcar possíveis buscas sobre o seriado, por se tratar de palavras inespecíficas e abrangentes.

<sup>4</sup> A série entrou para o Guinness Book como a mais longa da história, iniciando em 1963. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/08/doctor-who-no-brasil-conversamos-com-os-atores-e-vimos-o-novo-episodio2.html>. Acesso em 11 mai. 2021.

<sup>5</sup> O formato híbrido é composto por dois formatos de narrativas seriadas: o serial e o episódico. O primeiro é episódico semanal, um único capítulo narrativo, com começo, meio e fim. O segundo, apresenta arco narrativo acentuado, contém episódios com começo, meio e fim, mas o arco principal se faz presente ao longo de todos os episódios, a cada temporada ou como um todo. Disponível em: <https://www.tertulianarrativa.com/serializadas>. Acesso em: 28 mar. 2021.

<sup>6</sup> Escritor/produtor executivo, pessoa responsável pelo processo criativo da série.

frente das câmeras, ora fora “de cena”, tem crescido qualitativa e quantitativamente ao longo dos anos, como atrizes principais e coadjuvantes, roteiristas, diretoras e produtoras, levando a deslocamentos na representação e representatividade feminina nas telas (CADORE; MONTEIRO, 2018).

Para discutir a representação e representatividade feminina, analisamos<sup>7</sup> a série televisiva *Doctor Who/BBC*, que apresenta as viagens do Doutor, alienígena, capaz de viajar no tempo e espaço com amigos, chamados de companheiros, na maioria, personagens femininas, na sua nave extraterrestre. A produção é dividida em duas eras: a primeira, intitulada era clássica, de 1963 a 1989; e a segunda, um *reboot* da era clássica, em 2005, que perdura até os dias atuais, nomeada como era moderna (*New Who*). O Doutor também possui a capacidade de se regenerar em outro corpo quando está próximo da morte, truque que permite a mudança de ator, sendo que, por mais de 50 anos, todas as regenerações foram em corpos masculinos.

Em 2017, sua regeneração ocorreu em um corpo feminino, gerando diversas reações no público, revelando a importância de debater as representações<sup>8</sup> de gênero na série, pois, como artefato cultural, oportuniza um espaço não tradicional de aprendizagem, as pedagogias culturais. Tais pedagogias propiciam novas formas de apreensão de informações a partir de múltiplas histórias, experiências e formatos presentes nas manifestações artísticas, que (re)produzem discursos e imagens que são propagados pedagogicamente (ANDRADE; COSTA, 2017).

A representação de mulheres na ficção científica, por muito tempo, foi tradicionalmente acessória ao papel de protagonista, em geral um homem, em que seus papéis constantemente foram/são estereotipados e inferiorizados. Para Gubernikoff (2009), a teoria feminista do cinema surge por volta de 1970, para apresentar como as mulheres eram transformadas em objetos sob o olhar patriarcal e consumista. Apesar das mudanças nas representações femininas, que trazem papéis relevantes, por vezes, são defasadas e estereotipadas, ignoram a diversidade de interesses, reivindicações e a multiplicidade de representações e representatividade (étnico racial, afetivo-sexual, etária, econômica, profissional, etc), de acordo com as mulheres na atualidade. Magaldi

<sup>7</sup> Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado da primeira autora, orientada pela segunda, intitulada “*Doctor Who? She! Protagonismo feminino sob a perspectiva de gênero em narrativa seriada*”, em andamento.

<sup>8</sup> Para Hall (2016), a representação é um sistema de significação e linguagem produzido culturalmente, presente no inconsciente social, em que há uma construção de sentido gradativa sobre algo ou alguém com base no cotidiano. A linguagem deve ser entendida além da fala e escrita, pois está presente em qualquer coisa que possa comunicar, fazer sentido e produzir significados (sinais, símbolos, imagens, sons etc.).

e Machado (2016) discutem os testes que tratam de representatividade de gênero no cinema, como o Teste de Bechdel, em uso desde 1985, e investigam a representatividade feminina, com três regras para avaliação: (i) pelo menos duas mulheres em cena, com nomes; (ii) que interajam entre si; (iii) a conversa não deve ser referente ao homem.

As autoras apresentam: o Teste Makomori, que analisa se a personagem feminina tem arco narrativo que não se apoie no arco narrativo de um homem; o Teste Tauriel, que indaga se os papéis femininos existiriam se fossem homens; o Teste Barnett, que expande as discussões de gênero ao analisar as personagens, as interações de papéis masculinos e femininos, e possíveis distorções quanto à masculinidade e as construções de gênero empreendidas pelo cinema; o Teste Russo, relacionado à “percepção de personagens LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e o teste Finkbeiner, que se aplica às questões de gênero oriundas da cobertura midiática de mulheres cientistas” (MAGALDI; MACHADO, 2016, p.258). As autoras propõem um teste, a partir dos existentes, que analisa de forma qualitativa as narrativas e as construções de gênero, visando contribuir para a análise de filmes endereçados tanto ao público adulto quanto infanto-juvenil.

Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar produções bibliográficas que investigam as representações e representatividades femininas na série *Doctor Who*/BBC. Ao analisarmos as transformações narrativas na representação feminina, condizentes com o contexto atual, em que mulheres têm ganhado mais visibilidade, visamos contribuir para refletir se as representações apontam representatividade<sup>9</sup> para mulheres ou (apenas) reproduzem estereótipos.

As formas de expressões artísticas ultrapassam o limite do entretenimento e possibilitam o aprendizado em diversos campos do saber, práticas que propiciam uma experiência estética e a noção de mais espaços de aprendizagem que fogem dos modelos tradicionais de ensino: escola, igreja e família, e se comportam por um panorama sensível que reúne principalmente política, história e cultura.

Portanto, a narrativa seriada de *Doctor Who*/BBC se torna relevante para a discussão proposta, toca públicos distintos e, principalmente, os grupos conhecidos

---

<sup>9</sup> Segundo o dicionário Priberam, a representatividade possui camadas de representações, trata de interesses, poder de decisão de um grupo minoritário socialmente e apresenta posicionamentos políticos. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/representatividade>. Acesso em 21 de abril de 2021.

como minorias sociais<sup>10</sup>, ao possibilitar a experiência de identificação (ou não) com as narrativas da série. Vale ressaltar que a popularização dos seriados de *streaming* também possibilita o favorecimento dos discursos feministas (RAMOS, 2019), e, a partir da experiência de cada espectador/a, viabiliza o exercício de não apenas absorver o conteúdo, como também questioná-lo.

### **Estudos Culturais e os Estudos de Gênero**

Os Estudos Culturais ensejam olhares inter e transdisciplinares para as produções culturais, a sociedade e meios de comunicação, dentre outras, problematizando relações de poder, identidades, significações e subjetividades.

Para Escosteguy (2010), os Estudos Culturais permitem reflexões sobre a importância dos *mass media*, como veículo de formação de opiniões e identidades. Hall (2006) aponta o hibridismo cultural e a noção da identidade do ser humano em três etapas: o sujeito do iluminismo, centrado em si mesmo; o sujeito sociológico, inclinado à interação com outros indivíduos, e o sujeito pós-moderno, o qual detém identidade variável. O autor compreende os símbolos e as representações oriundas do hibridismo cultural como elementos de construções identitárias, bem como, as práticas imagéticas contemporâneas, o cinema e a televisão. Segundo Hall (2006, p. 11-12),

[...] o fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural[...].

As produções artísticas contemporâneas, se constituem como novos espaços pedagógicos, ao veicular modos de ser, relações de poder e de gênero e diferentes identidades; tais características oportunizam a problematização de narrativas naturalizadas que são (re)produzidas.

Trabalhar com representação e representatividade feminina implica considerar a luta das mulheres contra as desigualdades de gênero, obtenção dos seus direitos e

---

<sup>10</sup> Tais grupos são considerados minorias discursivas. Para Moscovici (2000 apud MAGALDI; MACHADO, 2016, p.253), “o termo minoria não está ligado à questão numérica, mas à representação de poder, neste sentido, a representação do feminino nos filmes, na maioria das vezes, vem pelo olhar da cultura predominantemente masculina, sendo ainda marcado por uma relação de poder em que o homem é tido como mais forte, equilibrado e responsável pela mulher e, por outro lado, muitas vezes, o discurso feminino será considerado como menos importante”.



reconhecimento social. Mas, entendemos que as representações televisivas abrem lacunas para refletirmos não apenas sobre a luta feminista, como também as informações que são trazidas ao público (que perpetuam estereótipos e relações de poder assimétricas), dialogar sobre representações atuais e anteriores e, questionar se espaços atuais de visibilidade feminina são realmente relevantes, ou apenas atendem ao mercado de consumo.

Laura Mulvey (1991), investiga as representações femininas no cinema e afirma que as mulheres são retratadas em uma posição dicotômica desigual, e muitas vezes, com sua imagem moldada para satisfazer ao desejo masculino, em que são repetidamente retratadas como reprimidas, consideradas “o outro” que não é o homem, um objeto, “utilizadas” com certa visibilidade apenas nos gêneros do melodrama. A cultura falocêntrica, para Lauretis (1993), cria forma através de um sistema simbólico de significação e simbolização do pensamento masculino, em que há uma divisão de sexos, reproduzindo a ideia de castração da sexualidade feminina, na qual um corpo feminino não representa poder, não possui falo e, portanto, é inferiorizado. Lauretis (1994, p. 208) argumenta que fazer a distinção pautada no sexo biológico é aprisionante:

um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito "engendrado" não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.

Para Guacira Louro (1997), o gênero é construído nas relações de poder e problematiza a dualidade entre os sexos biológicos, investigando essa problemática não apenas na sociedade, assim como nas formas de representações culturais, que engendram relações desiguais de poder. Dialogando com Hall (2006), ela afirma que o gênero, assim como a identidade, não é concreto e, sofre alterações constantes, quando diz que

sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento (LOURO, 1997, p.27).

Para Escosteguy (2010), o movimento feminista contemporâneo, surge por volta dos anos 1960 e ganha força a partir da década de 1970, como movimento social que busca a igualdade de direito das mulheres, ligado aos Estudos Culturais. Assim, é possível analisar as manifestações culturais presentes em *Doctor Who* e relacioná-las com questões políticas e sociais vistas nas viagens no tempo e espaço, como exemplo, a presença feminina na Era Vitoriana, mulheres negras (racismo) em séculos passados e temas como genocídio, terrorismo, saúde mental, autonomia, dentre outros.

A partir da década de 1980, segundo Louro (1997), o termo gênero passa a ser utilizado por feministas com o intuito de trabalhá-lo como um processo identitário, que as posicionem de uma forma visível, pois foram invisibilizadas durante um grande período. Corroborando as ideias de Louro (1997), para Lauretis (1994), o gênero é perpassado por diversas tecnologias (*internet*, televisão, cinema, etc.) construído a partir de comportamentos e ações cotidianas institucionalizadas no âmbito social, econômico e cultural.

Schiebinger (2001) argumenta sobre o surgimento de uma ciência feminista na década de 1980, a partir de questionamentos sobre se as mulheres fazem ciência de uma maneira distinta dos homens. Esta indagação fazia jus a um pensamento direcionado ao sexo biológico, sem considerar suas técnicas, conhecimentos e posicionamentos políticos. Estas ponderações eram contrárias ao que se propagava, a existência de uma ciência neutra, pois incansavelmente foram atribuídas às mulheres diferenças intelectuais, psicológicas e físicas, que as tornaram inferiores no campo científico, como a feminilidade, seus corpos, maternidade e responsabilidades domésticas, evidenciando a desigualdade e sua exclusão desse ambiente. A autora reitera

porque a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las (SCHIEBINGER, 2001, p. 37)

Percebemos que a ciência carrega forte influência patriarcal e por ela se destaca, evidenciando que a produção intelectual e a profissionalização científica foram/são direcionadas, socioculturalmente, ao masculino. Ou seja, podemos entender que a



desvalorização e exclusão da mulher são originadas na base social há séculos, atuando de forma histórica e biológica, definindo quais eram as profissões de homens e de mulheres. Paralelamente, a ficção científica, gênero narrativo que lida com conhecimentos científicos e heroísmo, marca a representação da ciência publicamente, fora da academia, destacando profissões que tendem para a racionalidade, que foram e são ocupadas sobretudo por sujeitos masculinos, mesmo com o destaque de mulheres na ficção científica nos dias de hoje.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) tece críticas à “pedagogia crítica”, a qual é centrada na ideia do sujeito unificado. O autor apresenta as concepções do sujeito cartesiano, quando se acreditava que o homem era soberano, racional e consciente das suas ações e pensamentos. No entanto, a partir dos estudos psicanalíticos, ele afirma que essa soberania é contestada pela teoria pós-estruturalista e as perspectivas pós-modernas. Visto que, o ser humano não deve ser dissociado da história e das suas subjetividades. Além disso, o autor, a partir do diálogo com Deleuze e Donna Haraway, chega ao contexto entre máquina e ser humano, aspectos que criam fronteiras entre a subjetividade humana e o que pode ser entendido como verdadeiro ou artificial, fronteiras nem sempre facilmente apreendidas. O pós-estruturalismo cunhado por Silva (2000), faz alusão às práticas de desconstrução dos discursos de verdade, visões de mundo unificadas, alteridade, informações localizadas no subconsciente e a valoração da subjetividade que são atravessadas de modo cultural. Para Cohen (2000, p. 19),

no fundo, a questão da subjetividade diz respeito, sobretudo, ao cruzamento de fronteiras: entre o humano e o não humano, entre cultura e natureza, entre diferentes tipos de subjetividade[...] A “existência” dos monstros é a demonstração de que a subjetividade não é, nunca, aquele lugar seguro e estável que a “teoria do sujeito” nos levou a crer. As “pegadas” do monstro não são a prova de que o monstro existe, mas de que o “sujeito” não existe.

Cohen (2000) cria sete teses para compreender a cultura dos monstros, mas nos atentamos ao seu contexto geral, pois é uma análise fantasiosa e que, paradoxalmente, se refere à dificuldade de compreender o outro, suas diferenças, causa uma deturpação no funcionamento dos comportamentos, pensamentos, e faz uso de máscaras sociais. Os monstros são metáforas para monstruosidades que acontecem no mundo cotidiano, que ganharam vida e prejudicam pessoas, principalmente acerca das relações de poder, os monstros da desigualdade social, racial, de gênero, da falta de inclusão. Para o autor, o

sujeito não existe, no sentido de não ser completo, ele está sempre inacabado, recebendo influências externas, o monstro é fruto de um elemento cultural.

É necessário entender as pessoas e as subjetividades que compõem um grupo social, para então compreender como são constituídos e como surgem questões que os moldam e definem, os lugares que deveriam ou não ser ocupados, especialmente no âmbito científico, como é representado pela ficção científica em *Doctor Who*. Por isso, é essencial trabalhar as questões sobre feminismo e gênero na área das ciências e nas produções audiovisuais que representam esse campo. Pois, conforme argumenta Lauretis (1994, p. 03),

para isso, pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma "tecnologia sexual"; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.

Nesse sentido, *Doctor Who* como artefato cultural, afeta a construção da conduta humana e o processo de identificação, assim como diversas práticas culturais, que não são neutras. A partir da sua veiculação, quando vemos mulheres em posições de poder, que lidam com a ciência e a tecnologia, logo se constata que são espaços de referência para o público feminino, suas “imagens projetam mensagens sobre esperanças e sonhos, porte e conduta, sobre quem deve ser um cientista e o que é ciência (SCHIEBINGER, 2001, p. 146)”.

A presença masculina ainda é muito marcante, principalmente pela noção no imaginário social de que ciência é feita somente por e para homens, que por muito tempo foi reproduzida pelas produções culturais, mas estão se modificando (YODOVICH, 2020). Desta forma, quando mulheres são retratadas com pluralidades, que não sejam o seu sexo biológico e/ou beleza, com diversidades étnicas, etárias, classes sociais, comportamentos e diferentes identidades, contribui-se para ampliar a visão que pode favorecer a redução das desigualdades de gênero na difusão de práticas científicas. Diante do exposto, com o aporte teórico dos Estudos Culturais e de Gênero, pós-estruturalistas, visamos problematizar como são analisadas as representações e representatividades femininas na série na literatura científica.

## Metodologia

Como método, utilizamos a revisão integrativa, metodologia que vem sendo utilizada nas Ciências Humanas, com base em Souza, Silva e Carvalho (2010), pois afirmam que esse método possibilita um levantamento de revisão bibliográfica que inclui produções conceituais e experimentais, além de encontrar o que há de mais recente sobre um tema, e, se concretiza em seis passos: (i) a criação da pergunta norteadora (como é a representação e a representatividade feminina na série *Doctor Who* na literatura científica?); (ii) busca de literatura (definição das plataformas eletrônicas para pesquisa e critérios para seleção e exclusão de textos); (iii) coleta de dados (sistematização das questões específicas de cada trabalho); (iv) análise crítica dos textos; (v) discussão dos resultados obtidos; (vi) apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

No empreendimento da busca, consultamos nove plataformas eletrônicas: quatro bases de dados (Google Acadêmico, Periódicos CAPES, SciELO e Eric); dois periódicos da área de cinema (Aniki e Rebeca); dois congressos na área de Gênero (Fazendo Gênero e Desfazendo Gênero); um congresso na área de Comunicação (SOCINE). É válido ressaltar que, apesar de introduzir congressos como lócus de pesquisa, entendemos as distinções entre os artigos publicados em tal plataforma, se comparado às produções publicadas em periódicos. A intenção principal é verificar se já existem produções científicas a respeito do tema em congressos específicos no campo dos Estudos de Gênero e na área dos estudos que abordam pesquisas televisivas, que pertencem ao campo da Comunicação. As buscas nestas plataformas aconteceram por meio das combinações de descritores (*Doctor Who* BBC, Representação Feminina, Mulher, Questões de Gênero, Feminilidade, Personagem Feminina, Companheiros, Série, TV e Representatividade) revezadas nos idiomas, português, inglês e espanhol. No entanto, percebemos que as palavras “*Doctor Who*” são inespecíficas e se fundem com os trabalhos na área da saúde, sendo necessário recorrer aos conectivos de buscas da internet junto com as palavras-chave, contendo: *OR* (ou), *AND* (e), *intitle:* (palavras no título de uma página ou texto), aspas (“”) para termos específicos, e o hífen (-), para excluir títulos referentes aos estudos da área da saúde.

Os critérios de inclusão foram: títulos e resumos referentes à pergunta central; nos últimos 20 anos, trabalhos completos na íntegra, ensaios, capítulos de livros, monografias, dissertações, teses e artigos, preferencialmente em português, espanhol e

inglês. Como critérios de exclusão: resenhas, trabalhos da área de saúde, resumos em anais de eventos e estudos duplicados entre as buscas. Após a busca, foram encontrados 715 estudos, que incluíam em seus títulos e corpo dos textos os descritores definidos para investigação nas plataformas eletrônicas e que se entrelaçavam com trabalhos de Ciências da Saúde e, por isso, o grande volume neste resultado e a disparidade com o número de publicações separados para leitura dos resumos.

Posto isso, destes 715, 90 foram selecionados para leituras dos resumos e, para facilitar a busca de literatura, caso não constassem no resumo indícios de estudos sobre a representação e representatividade feminina em *Doctor Who*, seriam descartados. Vale enfatizar que chegamos a este número com base nos critérios de inclusão e exclusão preestabelecidos, em que foram encontradas diversas publicações duplicadas e da área da saúde. Após a exclusão dos trabalhos que não se adequavam aos filtros, 90 foram selecionados. Após esta etapa de leitura de resumos, 18 foram selecionados para tradução e leitura completa e, destes, 2 foram descartados por não se encaixarem nos critérios de inclusão, resultando em 16 artigos.

### Resultados alcançados

Após a busca, os dezesseis artigos selecionados se encontravam no Google Acadêmico (16), conforme apresentados na tabela 1, na qual é apresentada a síntese da busca de literatura de acordo os critérios de inclusão e exclusão.

**Tabela 1 – Síntese da busca de literatura com base nos critérios de Inclusão e Exclusão, de 2001-2021**

Plataformas Digitais	Encontrados	Leitura de resumos	Leitura completa	Excluídos	Analisados
<i>Aniki</i>	1	1	0	0	0
Desfazendo Gênero	0	0	0	0	0
Eric	36	1	0	0	0
Fazendo Gênero	0	0	0	0	0
Google Acadêmico	584	80	18	2	16
Rebeca	2	0	0	0	0
Periódicos CAPES	92	8	0	0	0
<i>Scielo</i>	0	0	0	0	0
Socine	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>715</b>	<b>90</b>	<b>18</b>	<b>2</b>	<b>16</b>

**Base de dados consultadas:** *Aniki*, Desfazendo Gênero, Eric, Fazendo Gênero, Google Acadêmico, Rebeca, Periódicos da CAPES, *Scielo* e Socine;

**Fonte:** Elaboração das autoras, 2021.

As publicações foram traduzidas e lidas na íntegra e o Quadro 1 apresenta um breve resumo e as informações acerca das publicações.

**Quadro 1 – Informações detalhadas dos trabalhos por Título, Autores (as), País e Ano, Tipo de Estudo e Resumo dos Trabalhos**

Nº	Título	Autores (as)	País e Ano	Resumo do trabalho
1	<i>"Bloke Utopia:" Bill Potts, Queer Identity, and Cyborg Narratives in Doctor Who</i>	Sarah B. Gilbert	Estados Unidos, 2020.	Aborda personagens femininas, cultura <i>queer</i> e ciborgues, com foco na <i>companion</i> lésbica e negra Bill Potts, que rompe a heteronormatividade e possui outra vida para além do Doutor.
2	Doctor Who: Gendered Relationships in the David Tennant Era	Scott Paterson	Reino Unido, 2017.	Apresenta a tentativa de desconstruir a representação da masculinidade e feminilidade na série na era David Tennant, atuando da 2. <sup>a</sup> à 4. <sup>a</sup> temporada, evidenciando um herói vulnerável e companheiras para além do caráter meigo e apelo sexual.
3	<i>'Don't make me go back': post-feminist retreatism in Doctor Who</i>	Alyssa Franke e Danny Nicol	Reino Unido, 2018.	Lida com as despedidas de Donna Noble e Amy Pond e o que elas fizeram após deixar as viagens com o Doutor. Apontando que o programa investiu em narrativas regressistas de representação feminina, tentando amenizar o adeus das personagens com uma felicidade doméstica.
4	<i>Deconstructing Clara Who. A Female Doctor Made Possible by an Impossible Girl</i>	Jared Aronoff	Itália, 2017	O autor afirma ser possível uma doutora mulher a partir da existência da personagem Clara, que modificou os papéis femininos e criticou o papel da mulher como misteriosa, tornando as companheiras pós-Clara representadas de uma maneira melhor.
5	"É com a Amy desta vez, a escolha é dela" Uma análise do discurso feminino no episódio "Amy's Choice", da série Doctor Who	Rosana Meire Rastelli Rastelly	Brasil, 2016.	Analisa a personagem Amy em episódio específico, evidencia a relação masculino-feminino na série, abordando relações de poder e a dependência masculina que a personagem possui.
6	<i>Doctor Who, Ma'am: YouTube Reactions to the 2017 Reveal of the New Doctor</i>	Sophie Eeken e Joke Hermes	Holanda (Países Baixos), 2019.	Analisa os comentários do vídeo no canal oficial da série no YouTube, que revela o Doutor sendo uma mulher. Notícia que gerou alvoroço na internet e bastante comentários relutantes à transformação.
7	<i>The Portrayal of Women in the Classic Doctor Who</i>	Jana Ježková	Tchéquia, 2015.	Discute como as mulheres foram representadas na era clássica, conforme à influência cultural do seu tempo na segunda onda do feminismo,

				tentando apresentar mulheres sempre jovens, sem filhos, fortes e independentes, mas caem nos estereótipos definidos pela sociedade e objetificação sexual.
8	<i>“Strong Female Characters” An Analytical Look at Representation in Moffat-Era Doctor Who</i>	Nichole Flynn	Estados unidos, 2015.	Utiliza a vertente feminista interseccional para abordar as principais companheiras do Doutor e algumas personagens <i>queer</i> na era Moffat, enfatizando que foram criadas apenas para desempenhar papéis femininos convencionais.
9	<i>Doctor Who and the Creation of a Non-Gendered Hero Archetype</i>	Alessandra J. Pelusi	Estados Unidos, 2014.	Analisa a criação do arquétipo do herói sem gênero, sendo a sua relação com as companheiras fundidas, transformando a sua personalidade e fugindo de estereótipos comumente dados a heróis diferenciados pela categoria do gênero, sendo essa diferenciação binária limitante.
10	<i>How Has the Portrayal of Women on the Television Series Doctor Who Evolved from 1963 to 2019?</i>	Sophia Watts	Estados Unidos, 2020.	Pautado em como a representação feminina evoluiu na série entre 1963 e 2019, usando apenas seis companheiras do Doutor para análise, chega à conclusão que a possibilidade da primeira Doutora à frente do programa se dá pela evolução dos papéis femininos no <i>show</i> .
11	<i>De Potentie van de Witte Man: Over Rationaliteit, Opvoeding en de Dynamiek tussen man en vrouw in Doctor Who</i>	Daniël Everts	Holanda, 2019	Focado na análise dos homens brancos, expõe e critica às representações masculinas na série e afirma que os papéis femininos são produzidos para trazer racionalidade aos homens brancos, cita a temporada nova da Doutora, como mulher branca, reproduzindo o estereótipo da mulher educadora do homem.
12	<i>Impossible Girls And Tin Dogs: Constructions Of The Gendered Body In Doctor Who</i>	Emily Victoria Rowson	Reino Unido, 2017	Busca formas de representações de corpo e gênero na série, reconhece contradições nas representações, identifica a necessidade de igualdade feminina, mas não se atenta a mudanças mais favoráveis, pois são direcionadas para aceitação do público.
13	<i>The Girls Who Waited? Female Companions and Gender in Doctor Who</i>	Lorna Jewett	Reino Unido, 2014	Elenca as pesquisas já produzidas sobre estudos de gênero, informa o surgimento de trabalhos com a temática de masculinidade, destaca a falta de estudos acadêmicos sobre gênero na série. Além de lidar com romances e personagens <i>queer</i> , análises das companheiras da era clássica e moderna e, o contexto pós-



				feminista, em que o único nível de representação da mulher seria através do papel da companheira.
14	<i>How To Be a Feminist in The Twenty-First Century</i>	Georgia Christinidis	Alemanha, 2018	Cita obras audiovisuais, a discriminação e o papel sub representado por mulheres, mesmo ao trazerem inovações nas atuações. Dentre elas, faz crítica à <i>Doctor Who</i> , pois evidencia problemas na representação feminina de uma personagem, que foi tradicionalmente masculina, retratando uma Doutora sem muita autoridade, comparada aos Doutores anteriores.
15	<i>The Ladies of Time &amp; Space: A Gender Study of the Women of Doctor Who</i>	Zachary Aaron Kizer	Estados Unidos, 2015	Apresenta personagens femininas que se enquadram em oito arquétipos e quebram as expectativas do público nas suas atuações.
16	<i>“Finally, we get to play the doctor”: feminist female fans’ reactions to the first female Doctor Who</i>	Neta Yodovich	Reino Unido, 2020	Através de entrevistas, explora reações de fãs feministas acerca da introdução da primeira protagonista feminina, um público que se sente excluído do grande fandom da série por ser mulheres e feministas. As entrevistadas abraçam as transformações na trama e o novo elenco, contestando algumas afirmações contrárias a mudança do Doutor.

**Fonte:** Publicações selecionadas (Elaboração das autoras), 2021.

## Discussão

Foram criadas duas seções para explanação das informações sobre as representações e representatividades femininas em *Doctor Who*: 1. Avanços nos papéis femininos ao longo da série e 2. Retrocessos nas representações femininas.

### Avanços nos papéis femininos ao longo da série

Embora o contexto apresentado nessa categoria indique mudanças nas representações femininas, os trabalhos analisados (JEZKOVÁ, 2015; JOWETT, 2014; KIZER, 2015; PATERSON, 2017; PELUSI, 2014; WATTS, 2020; YODOVICH, 2020)

não ocultam a existência de problemáticas de gênero (*Gender Studies*)<sup>11</sup> nessas representações, apesar do ponto de vista assertivo nos avanços para a mulher. Essa perspectiva assertiva reforça a ideia já conhecida pelo público que a série é inovadora e diversificada, por introduzir personagens femininas negras, antinormativas, cientistas e protagonistas na ficção científica, características que se estendem também aos papéis masculinos.

Em relação ao contexto social de representação feminina na época de produção e exibição da série clássica, na década de 1960 se iniciava a segunda onda do feminismo que, diferente da primeira onda, a qual visava principalmente o direito ao voto, reivindicava direitos à sexualidade, sobre o seu próprio corpo e decisões, além da independência para trabalhar sem o aval do marido. Além disso, começava uma inserção das mulheres no campo do saber, nas universidades, no campo teórico, na ciência, nos meios de comunicação de massa e sobretudo no ambiente artístico (LOURO, 1997).

A partir dessas disputas travadas pelas mulheres e como consequência das exigências, as representações femininas nas produções culturais foram evoluindo, como abordam Jezková (2015), Jowett (2014) e Kizer (2015), que afirmam que os enredos das mulheres, suas características, profissões e determinados comportamentos são favoráveis na era clássica, em que as mulheres retratadas costumavam ser mais independentes, cientistas e em posições de igualdade com o Doutor e rompiam mais estereótipos dentro do seu papel pequeno de atuação. Tais considerações estavam em consonância com o contexto social daquele momento no tempo, a segunda onda do feminismo, entre 1960–1980, espaço de tempo em que foi exibida a primeira parte do seriado. Contudo, apesar dos ganhos nas suas personagens, foi uma época em que as mulheres companheiras do Doutor foram hiper sexualizadas.

Uma das transformações que vem se destacando no decorrer dos anos, corresponde à visibilidade que a companheira do Doutor ganhou, a partir do melodrama, que apesar da carga dramática, permitiu a conquista de novos espaços para a atuação das mulheres e o aprofundamento da sua vida pessoal. No entanto, o melodrama também reitera estereótipos femininos, como nos alerta Mulvey (1991), aspectos que são abordados na seção seguinte.

---

<sup>11</sup> Termo utilizado para se referir aos estudos de gênero, visto que na pesquisa também existe o conceito de gênero (Genre) narrativo da série, a ficção científica.

Dentre as publicações analisadas, Flynn (2015) e Gilbert (2019), com base em Chambers (2009) e Sullivan (2003), trazem discussões sobre a Teoria *Queer*, questionando os lugares pré-estabelecidos na sociedade pela dicotomia entre homens e mulheres, buscando reconhecer as pluralidades corporais e sexuais além do padrão binário. A perspectiva *Queer* deixa explícitos posicionamentos políticos, questiona o lugar da mulher em *Doctor Who*, evidenciando debates, assertividade na escolha de personagens, nas suas características e na identificação e/ou produção de uma identidade lésbica.

A virada de século XXI trouxe grandes transformações tecnológicas que alteraram o modo de vida social nas mais diversas áreas. A tecnologia digital, especialmente a *internet*, permitiu o acesso a diversas informações de forma prática e rápida. Uma grande parte de mulheres tiveram a oportunidade de se organizarem virtualmente e agir conforme os novos espaços contemporâneos, buscando novas formas de fazer política e lutar por direitos, não se restringindo ao movimento feminista presencial, pois no digital são formados grupos de discussões, páginas que abordam temas específicos, *hashtags* que ajudam no direcionamento de buscas e entre outras características.

O ano de 2017, foi um período de grande atuação do movimento feminista, pois passou-se a discutir temas sobre desigualdades de gênero, agressão e assédio sexual contra mulheres. Mobilização que reverberou na indústria cinematográfica, especialmente pelo movimento *#MeToo*, que repercutiu pelo *Twitter*, e ganhou força mundialmente, trazendo à tona diversos casos de abusos e assédios contra mulheres no meio cinematográfico, principalmente em *Hollywood*<sup>12</sup>. A partir de então, as mulheres começaram a ganhar mais visibilidade e a preencher espaços de poder que eram ocupados por homens, dando início a uma nova era feminina no ramo do entretenimento. Schiebinger (2001) ressalta que a ciência e a cultura científica necessita ampliar as discussões e análises de gênero, para assim, trazer igualdade para as mulheres neste campo. Em 2017, o *Emmy*, maior premiação para programas e profissionais televisivos, teve importante destaque para as mulheres. O evidente protagonismo feminino foi percebido nas diversas indicações e premiações de mulheres nas telas e atrás delas, principalmente nas profissões mais dissonantes nesse ramo – direção, produção, roteiro.

<sup>12</sup> Informações consultadas no site BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417>. Acesso em 29 de maio de 2021.

Tais considerações podem ser interpretadas pelos estudos mais recentes que consideram a existência de uma quarta onda feminista, ancorada na tecnologia no século XXI, mais precisamente em meados de 2012, em que discussões feministas ganharam forças por meio das ferramentas das redes sociais. Os estudos da quarta onda estão pautados na organização *online* de movimentos e protestos (petições) de forma ampla, acerca da representação da mulher na mídia, denúncias de assédios, temas relacionados aos seus corpos (gordofobia, violências), interseccionalidade, machismo, misoginia e demais desigualdades (COCHRANE, 2013). Estas discussões são interessantes, pois as novas produções audiovisuais e as já consolidadas, como *Doctor Who*, vêm oferecendo mais alternativas de reflexões e referências para as futuras gerações, incentivando a autonomia financeira, pessoal, intelectual, sexual e étnica de mulheres (YODOVICH, 2020), e, auxiliam na produção de novos símbolos e significados passíveis de identificações do seu público.

A décima temporada<sup>13</sup>, última antes da troca de gênero do personagem principal, veiculada no primeiro semestre de 2017, apresenta a personagem Bill Potts, vista pelo viés interseccional, negra, lésbica e estudante, que possui uma vida além do Doutor e, rompe o padrão heteronormativo na condição feminina de companheira no seriado (GILBERT, 2019). Vale lembrar que *Doctor Who* já apresentou personagens que contemplam os grupos homossexuais, bissexuais e pansexuais. Além das três personagens femininas da série: Bill, Madame Vastra (mulher lagarto) e Jenny (humana), a personagem River Song foi definida como bissexual e também teve rumores quanto à sexualidade de Clara Oswald, indicando implicitamente que ela era bissexual.

A personagem Bill traz representatividade para os/as espectadores/as negros/as, gays e lésbicas, pois ao falar livremente sobre a sua sexualidade, a série inclui estas comunidades na sua representação televisiva. As situações e diálogos apresentados ao longo dos episódios garantem o aprofundamento da personagem e auxiliam a problematizar estereótipos e preconceitos, como por exemplo: Bill não ser definida pela sua sexualidade. Existem diálogos que evidenciam que ela se sente bem em relação ao seu gênero e a sua orientação sexual, reafirmando a diferença de modo afirmativo. Sua identidade sexual parte da personagem que não se restringe a ela, tornando seu arco narrativo complexo. Já River Song não é uma esposa comum, mas apesar da sua

<sup>13</sup> A temporada se refere a era moderna (*New Who*).

independência e grandiosidade na trama, possui alguns problemas de representação, pois a personagem parece existir apenas para girar em torno do Doutor como um apelo sexual.

Bill é uma personagem bem construída, possui camadas que são evidenciadas de forma espontânea ao longo dos episódios e o seu recorte da cor de pele é bem trabalhado e problematizado, principalmente se compararmos à primeira *companion* negra na série, Martha Jones, na terceira temporada (2007), cuja história não obteve tanta relevância, devido ao grande apelo romântico. Ademais, a respeito das personagens Madame Vastra e Jenny, interpretamos que a autora Flynn (2015), mesmo após tecer críticas em determinado contexto, considera uma ação assertiva da série ao introduzi-las na trama, por se tratar de um casal lésbico, assim como Bill, foram concebidas também de maneira a fugir da heteronormatividade, acrescentando paradoxalmente, a monstruosidade ciborgues de Madame Vastra. Desta forma, o casal lésbico interespecie aparenta simbolizar a diversidade, em que as diferenças dos indivíduos não deveriam ser motivos de exclusões, julgamentos e práticas preconceituosas, ainda que traga a “naturalização da monstruosidade”. Esta ambivalência parece levar à receptividade do público ao casal.

A diversidade sexual abre espaço para debates em torno da sexualidade das mulheres. A sua representação e representatividade são difundidas por influência das produções culturais, que viabilizam referência social para estes grupos, além de funcionar como inspiração para se inserirem nos espaços artísticos. É notório que a introdução da personagem Bill, que considera sua sexualidade não apenas como um adereço, é vivenciada e expressada na tela. Abordagem pode servir como um instrumento de combate a preconceitos contra pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais) e o viés étnico, uma representação humanizada e inclusiva, trazendo debates que educam a audiência para a diversidade.

*Doctor Who* atua de forma assertiva nesta perspectiva e mais ainda pelo fato de a personagem Bill ser interpretada por uma atriz (Pearl Mackie) assumidamente negra e lésbica, demarcando representatividade. É interessante citar este fato, pois muitas vezes, em outras produções e na própria série em questão, os papéis não heteronormativos são interpretados por atores e atrizes heterossexuais.

De modo geral, os estudos indicam um equilíbrio de representação de gênero na tela (KIZER, 2015, PELUSI, 2014; WATTS, 2020), apenas no que se refere à

quantidade de homens e mulheres em cena, pois são apresentadas mulheres (assim como os homens) em profissões de liderança, não necessariamente as companheiras do Doutor, além de diversidade etária, sexual e corporal. Para Paterson (2017) e Pelusi (2014), a diversidade na série é percebida de forma assertiva também no modelo de um herói sem gênero, em que a fuga do binarismo do Doutor e das companheiras permitem a ampliação de características heroicas sem estereótipos. Para Paterson (2017) a personalidade heroica do Doutor possui grande influência da companheira, logo ela também é uma heroína, não definindo o seu mérito pelo gênero, pois o próprio Doutor abdica do título de herói e, em algumas ocasiões é tido como afeminado e vulnerável, destoando do herói masculino e viril.

Concluimos que as representações femininas são ambivalentes, e um exemplo é o trabalho de Yodovich (2020), o qual é focado em reações de fãs feministas à primeira Doutora, através de entrevistas. Mesmo se declarando feministas e defendendo as mudanças na trama, existe uma grande preocupação para que a protagonista mulher não seja feminina demais e mantenha aspectos masculinos para legitimar o seu espaço. Segundo a autora, esta preocupação é desencadeada por acreditarem nos próprios estereótipos sobre as mulheres e também supõe que essa recusa em uma Doutora mais feminina prejudicaria a imagem da/o personagem que poderia ser fonte de inspiração para homens e para mulheres. Esses entendimentos das entrevistadas reforçam as ideias do dualismo dicotômico entre homens racionais (superiores) e mulheres inferiorizadas (emocionais), a menos que mantenham características masculinas que as tornem aparentemente menos frágeis.

Outros exemplos de ambivalência nos trabalhos são as mulheres que ganharam mais visibilidade e espaços no seriado e o ponto alto desse avanço é a presença da primeira Doutora, desde 2017. Contudo, estas representações apresentam lacunas como: não existe um diálogo apurado sobre o porquê dessa mulher ser protagonista; há uma reiteração de papéis que desumanizam uma mulher forte, independente, dona de si e de seu corpo, em especial da personagem Bill, que é transformada em ciborgue; e companheiras sem autonomia. Dessa forma, se constrói a desumanização da mulher dissidente das representações hegemônicas, em consonância com o que é apresentado por Cohen (2000) sobre a cultura dos monstros.

### **Retrocessos nas representações femininas**



Comum a todos os estudos, há o destaque da visibilidade feminina na era *New Who*, porém, há o questionamento se o seriado oferece elementos desafiadores nas suas representações. *Doctor Who* tem mostrado que algumas personagens são condicionadas a realizarem falsas escolhas, além de receberem o ambiente doméstico e o casamento como sinônimo de felicidade/gratidão quando se despedem da vida com o herói (FRANKE; NICOL, 2018), um problema pela ótica feminista, pois é dado um poder de decisão às mulheres com intuito de agradar o masculino, e, muitas vezes, o homem decide por elas, como o caso das personagens Amy e Donna. A primeira, sempre condicionada a escolher entre o marido e o Doutor, sendo impossível conviver com ambos, e a segunda, tem sua mente apagada pelo Doutor sem o seu consentimento, com a explicação que seria para o seu próprio bem, ação que reitera o controle patriarcal sobre os corpos femininos.

Todos os estudos pontuam que as companheiras têm sentimentos de cuidado com o Doutor, tornando-se limitadas como heroínas, aspecto naturalizado repetidamente pelo gênero feminino, expresso em papéis secundários. Além disso, as companheiras quando vistas como heroínas, reproduzem comportamentos masculinizados, mensagem que remete à ideia de que o papel de herói exige tais características (YODOVICH, 2020). Ainda na era clássica e alinhado com a época de veiculação da série, o papel de companheira seria o único local de maior visibilidade para as mulheres, premissa que se prolongou até a era moderna.

Paterson (2017) e Rowson (2017) indicam que a partir de 2005, houve um retrocesso na representação feminina, causado pelo melodrama pois passou a ser endereçado a mulheres remetendo à ideia de mulher sentimental, em busca de histórias de amor e um ideal de família. O melodrama atua como um estereótipo para a mulher, sempre relacionando-a como adepta de dramas e, possibilita a reprodução de valores e normas sociais que moldam a ordem e os limites binários (MULVEY, 1991). Inclusive, em *Doctor Who* a maioria das companheiras possuía interesse romântico pelo herói, mas dificilmente eram correspondidas, sendo a era moderna marcada por uma tensão sexual entre companheiras apaixonadas, não correspondidas e dependentes, enquanto o Doutor viaja, é solitário e independente (EEKEN; HERMES, 2019; FRANK; NICOL, 2018; JOWETT, 2014; PATERSON, 2017; PELUSI, 2014; ROWSON, 2017). Ou seja, um período marcado por desigualdade de poder entre homem e mulher, destoante do que se espera para o cenário do século atual, pois a série dispõe de poucas situações de

igualdade com o Doutor, comparada à era clássica (século XX) que, muitas vezes, possuía um tom equilibrado entre os gêneros<sup>14</sup>.

Segundo Escosteguy (2010), baseada em Stuart Hall (1992), a cultura popular é marcada por uma perspectiva dialógica e, por vezes contraditória, resultando na inclusão ou rejeição de representações de personalidades e temáticas sociais. Assim, percebemos que o Programa inova, traz personagens verossimilhantes como um recorte da sociedade, mas existem lacunas na representatividade, em que a exclusão e/ou diferenciação de processos históricos ainda se fazem presentes dentro de um programa considerado inovador.

Apesar de citarmos estudos que indicam o equilíbrio de gêneros na tela, esse dado não condiz com a equipe envolvida na produção da série (ARONOFF, 2017), há uma grande concentração de homens, o que dificulta avanços na representatividade feminina, pois não existem mulheres em número suficiente em posições de destaque na equipe de produção para ampliar as características das personagens (ARONOFF, 2017; YODOVICH, 2020). Além disso, o anúncio da primeira Doutora gerou discussões em torno das questões de gênero, que desapareceram assim que a temporada foi ao ar (CHRISTINIDIS, 2018, FLYNN, 2015).

Nesse quesito, um trabalho (EEKEN; HERMES, 2019) analisa comentários no vídeo anúncio da primeira Doutora, no canal do *YouTube* da emissora BBC, chegando à conclusão que a maioria dos comentários foram negativos, seguindo um viés antifeminista e julgando que a emissora transformou o entretenimento da série em política, focado apenas para o público feminino. Nessa lógica, *Doctor Who* realiza produções que buscam apresentar diversidade nas relações entre classes, gêneros e raças, porém, ao introduzi-las, pode originar uma mudança retrógrada ao seu grau de entretenimento e ser vista de forma negativa por uma parcela do público. Para Hall (2003), a cultura popular é o local que está presente uma disputa entre aprovação e reprovação do que é mostrado em tela, e ao retratar o que é popular, pode haver críticas à politização da obra.

Apesar dessa ruptura do padrão de representação heteronormativa realizado pela personagem Bill Potts, o seu fim na série não agradou, pois, sua personagem foi

---

<sup>14</sup> Informação mais bem descrita nos trabalhos de Jowett (2014), Paterson (2017), Pelusi (2014), Rowson (2017) e Watts (2020).

transformada em *Cyberman*<sup>15</sup>(FLYNN, 2015). Para Louro (2004), os sujeitos que destoam da ordem social geral costumam ser desmerecidos e punidos. Nesse sentido, a personagem Bill, apesar do papel notável, é reduzida ao padrão subalterno dominante de representação feminina.

O casal lésbico interespécie representados por Madame Vastra e Jenny, teve uma boa aceitação do público, mas apresenta uma representação estereotipada, pois são retratadas pelo viés heteronormativo, binário, em que uma delas possui um perfil masculino e a outra traços femininos (FLYNN, 2015). Outro ponto de problematização para a representação do casal poderia ser o disfarce que Jenny utiliza, de empregada da Madame Vastra, mas se interpretarmos o contexto do episódio, o qual se passa na Era Vitoriana, é compreensível, uma vez que existiam grandes repressões à categoria homossexual baseadas em valores morais sociais. Vastra e Jenny, apesar de aparições recorrentes, não possuem tanto aprofundamento nas suas características e personalidades. Para Zurian (2016), as novas formas de representações masculinas seguem um modelo patriarcal, em que se sobrepõem aos perfis femininos. Ou seja, a representação do casal interespécie, mesmo se tratando de duas mulheres, é envolto por estereótipos masculinos que informam ao espectador uma relação binária, identificando quem seria o “homem” da relação, para então legitimá-la.

Há similaridade nos resultados nesta revisão da literatura científica sobre a série, especialmente quando enxergam a mulher como uma ameaça para o título de herói (EEKEN; HERMES, 2019; YODOVICH, 2020) e a continuidade do seriado, concepções retrógradas que reforçam características masculinas nas personagens femininas<sup>16</sup>. Ademais, uma conclusão controversa (EEKEN; HERMES, 2019) que relata que as ofensas direcionadas à *Doctor Who* pós mudança de gênero, correspondem à transfobia e não à misoginia, pois o problema se dava em torno da mudança de corpo e gênero do Doutor, por ser um papel tradicional fixado no imaginário coletivo e não exatamente rejeitando ou questionando a qualidade das atuações das mulheres.

Para Zanello (2010), não é possível separar transfobia de misoginia, pois são interligados. Ao modificar o gênero do Doutor, ele deixará de ser visto como um herói nato, sua superioridade é abalada pela atuação da mulher, por ser desmerecida

<sup>15</sup> Em *Doctor Who*, um ciborgue é uma criatura vista como humanos adulterados, incapazes de sentir dores ou emoções, com nuances que podem reforçar o caráter masculino. No entanto, nos baseamos em Silva (2000) para nos referirmos aos ciborgues no texto, como uma metáfora das fronteiras (diferenças) acerca das complexas transformações identitárias.

<sup>16</sup>Mais informações nos trabalhos de Christinidis (2018), Flynn (2015), Pelusi (2014) e Rowson (2017).

socialmente. Percebemos que o problema não é a troca de corpo, que sempre foi alterado, o problema é a troca de gênero. Quando uma mulher assume o papel é visto como um transtorno, pois sua imagem remete à passividade, menor capacidade cognitiva-emocional e a um desmerecimento social, reiterados na nova fase da série, delimitando e reafirmando quais papéis homens e mulheres podem ocupar na sociedade.

Não obstante, Everts (2019) ao discutir masculinidade branca na série, acredita que as mulheres brancas ganham visibilidade e uma condição positiva, vistas como educadoras dos homens brancos e sendo desagradáveis apenas quando estão próximas deles, admitindo e reforçando o estereótipo de homem branco irracional/imaturo. A ideia anterior sobre as desigualdades retratadas entre as etnias, reforçam estereótipos de cuidadoras, tendo o ambiente doméstico como o mais apropriado para elas<sup>17</sup>. Ademais, quando as mulheres não mostram sensibilidade e características próprias ao seu gênero e estão à frente de cargos renomados são desmerecidas e vistas como amargas (JEŽKOVÁ, 2015).

Contudo, é necessário ressaltar a relevância da luta contra os estereótipos relacionados às dicotomias, especialmente em *Doctor Who*, que possui um alcance mundial e, difunde e delimita culturalmente o espaço das mulheres na ciência e na sociedade.

### Considerações Finais

Em síntese, o que se pode perceber a partir da revisão integrativa e das seções de análise, é que os textos apresentam evoluções e retrocessos nas representações e representatividades dos papéis femininos, havendo diversidade nas suas representações, profissão, classe, idade, personalidade e etnia. Paradoxalmente, os papéis femininos no seriado, na sua maioria, são secundários e predefinidos pelas repetições de padrões e estereótipos, principalmente como companheiras.

Muitas vezes os estereótipos passam despercebidos, como exemplos do amor não correspondido, a insensibilidade/loucura quando apresentam reações ou comportamentos que fogem do esperado, além da recusa em abandonar o Doutor, nutrindo o sentimento de cuidado, reiterando posições subalternizadas, condicionadas

---

<sup>17</sup>Como supõem Aronoff (2017), Frank e Nicol (2018) e Rowson (2017).

ao ambiente doméstico e ao de educadoras, por vezes (hiper) sexualizadas, também em seus discursos. Nesta última característica, notamos que as mulheres eram mais sexualizadas na série clássica e possuíam aparentemente maior igualdade (ou falsa igualdade) com o protagonista, apesar de apresentar poucas intérpretes da série moderna que foram objetificadas de forma escancarada. Logo, apesar dos avanços das representações, seu potencial na série não é explorado, pois reitera que há espaços que supostamente não deveriam ser ocupados ou transcendidos pelas mesmas, evidenciando relações de poder assimétricas, em que o homem está no topo.

As mudanças são percebidas na série, mas retornam para um modo conservador, há um conforto no que é tradicional, como exemplo, a primeira Doutora<sup>18</sup>, em que sua competência é questionada constantemente pelo seu novo gênero. Há oportunidades de debates mais ricos, mas são tratados vagamente em apenas um episódio<sup>19</sup> que pincela esse aspecto. Olhar para a série sob a perspectiva de gênero, nos faz perceber que a série, apesar de ter inúmeras personagens femininas, que trazem fissuras em reportagens e representatividades, de modo geral, é bastante conservadora. São representações de gênero, na maioria, tradicionais, que evitam conflitos maiores, ao invés de construir personagens com uma narrativa desconhecida/inovadora, atual e instigante com arcos narrativos pluralizados e probematizadores. Portanto, destacamos que os trabalhos analisados contribuem para os debates e aprofundamentos sobre a representação e representatividade feminina. No entanto, *Doctor Who* como personagem principal feminina é pouco analisada sob a perspectiva de gênero na literatura científica.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista** (EDUR), Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, 2017.

ARONOFF, Jared. “Deconstructing Clara Who. A Female Doctor Made Possible by an Impossible Girl”. **International Journal of TV Serial Narratives**, v.3, n.2, 2017, p. 17-30.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de

<sup>18</sup> Apresentada na décima primeira temporada.

<sup>19</sup> No oitavo episódio da décima primeira temporada chamado “The Witchfinders”.

Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CADORE, Caroline Bresolin Maia; MONTEIRO, Kimberly Farias. A representatividade do papel da mulher no cinema face ao domínio masculino. In: BOLESINA, Iuri; GERVASONI, Tássia A.; LOBO, Tatiani de Azevedo (Org.). **Direitos Fundamentais nos novos cenários do Século XXI**. Porto Alegre, Rs: Editora Fi, 2018. p. 29-46.

CHRISTINIDIS, Georgia. How to Be a Feminist in the Twenty-First Century. **Hard Times**, 102, 2018, pp. 127-135.

COCHRANE, Kira. **All the rebel women**: the rise of the fourth wave of feminism. Guardian Books, 2013.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.

EEKEN, Sophie; HERMES, Joke. Doctor Who, Ma'am: YouTube Reactions to the 2017 Reveal of the New Doctor. **Television & New Media**, v.00, n.0, [S.I], dezembro 2019, pp. 1-18.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-76.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EVERTS, Daniël. **De Potentie van de Witte Man**: Over Rationaliteit, Opvoeding en de Dynamiek tussen man en vrouw in Doctor Who. 178 f. (Scriptie MA) Film – em Televisiewetenschappen, Universiteit Utrecht, Utrecht, 2019.

FLYNN, Nichole. “Strong Female Characters”: An Analytical Look at Representation in Moffat-Era Doctor Who. **Journal Of Undergraduate Research**, spring 2015, p. 64-74.

FRANKE, Alyssa; NICOL, Danny. ‘Don’t make me go back’: Post-feminist retreatism in Doctor Who. **The Journal of Popular Television**, v.6, n.2. London: Intellect, june 2018, p. 197-211.

GILBERT, Sarah Beth. “Bloke Utopia”: bill potts, queer identity, and cyborg narratives in doctor Who. In: FRANKEL, Valerie Estelle (ed.). **Fourth Wave Feminism in Science Fiction and Fantasy**: essays on television representations, 2013-2019. 2. ed. Jefferson, North Carolina: Mfarland & Company, Inc., Publishers, 2019. p. 135-149.

GILL, Rosalind. Postfeminist media culture: elements of a sensibility. In: **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, 2007, p. 147-166.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do "popular". In: SOVIK, Liv(Org.) **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 247- 264.



- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2016.
- JEŽKOVÁ, Jana. **The Portrayal of Women in the Classic Doctor Who**. 73 f. Bachelor's (Diploma Thesis) - English Language and Literature, Masaryk University Faculty of Arts, Brno, 2015.
- JOST, François. **Comprender a Televisão**. Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2010.
- JOWETT, Lorna. "The Girls Who Waited? Female Companions and Gender in Doctor Who". **Critical Studies in Television**, v.9, n.1, 2014, p. 77-94.
- KIZER, Zachary Aaron. **The Ladies of Time & Space: A Gender Study of the Women of Doctor Who**. 66 f. Honors Thesis (HONR 499), Ball State University, Muncie, 2015.
- LAURETIS, Teresa de. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p.96-122, 1993.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho** – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. O estranhamento *queer*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Florianópolis. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006. p. 1-7.
- MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas. **Textura**, v.18, n. 36, jan./abr. 2016, p. 250-264.
- MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. Tradução de Andrea Limberto. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 29-52, jan./jun. 2012.
- MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1991, p. 437-453.
- PATERSON, Scott. **Doctor Who: gendered relationships in the David Tennant era**. 2017. 54 f. BA (Hons) - Curso de Film & Media And Journalism Studies, University Of Stirling, Stirling, 2017.
- PELUSI, Alessandra J. **Doctor Who and the Creation of a Non-Gendered Hero Archetype**. 85 f. (Thesis and Dissertation) - Master of Science (MS), Illinois State University, Normal, 2014.
- RAMOS, Esther Marín. Abrazar nuestra conflictividad: la lección del feminismo mainstream. **Paradigma: Revista Universitaria de Cultura**, n. 22, p. 42-47, fev. 2019.

- RASTELLY, Rosana Meire Rastelli. "**É com a Amy desta vez, a escolha é dela**": uma análise do discurso feminino no episódio "amy's choice", da série *Doctor Who*. 66 f. (Monografia) - Curso de Curso de Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ROWSON, Emily Victoria. **Impossible girls and tin**: constructions of the gendered body in doctor Who. 334 f. (PhD - Doctoral thesis), Philosophy, Northumbria University, Newcastle, 2017.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Pedagogia dos monstros**: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 11-21.
- SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de Revisão Integrativa: o que é e como fazer? In: **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.102-106, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, Vol. 14, 2013.
- WATTS, Sophia. How Has the Portrayal of Women on the Television Series Doctor Who Evolved from 1963 to 2019? **Scientia et Humanitas: A Journal of Student Research**. [S.I.], 2020, p. 28-41.
- YODOVICH, Neta. "Finally, we get to play the doctor": feminist female fans? reactions to the first female doctor who. **Feminist Media Studies**, [S.I.], v. 20, n. 8, p. 1243-1258, 19 ago. 2020. Informa UK Limited.  
<http://dx.doi.org/10.1080/14680777.2020.1810733>.
- ZANELLO, Valeska; GOMES, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. **Caderno Espaço Feminino**. 2010;23(1-2), pp. 265-80.
- ZURIAN, Francisco A. Héroes, machos o, simplemente, hombres: una mirada a la representación audiovisual de las (nuevas) masculinidades / Heroes, Machomen or, Just Men: A Look at the Audiovisual Representation of the (New) Masculinities. **Secuencias**, n. 34, 5 sep. 2016.

Recebido em Maio de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.